



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11644 - Resumo Expandido - Trabalho - XVI Reunião da Anped Centro-Oeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 20 - Psicologia da Educação

INDÚSTRIA CULTURAL E TECNOLOGIA: AS REDES SOCIAIS DIGITAIS COMO MEDIAÇÃO DE RELAÇÕES SOCIAIS E DO ADOECIMENTO

Jeison da Silva Moraes - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

INDÚSTRIA CULTURAL E TECNOLOGIA: AS REDES SOCIAIS DIGITAIS COMO MEDIAÇÃO DE RELAÇÕES SOCIAIS E DO ADOECIMENTO

No processo de socialização atual, as relações sociais digitais tornaram-se espaços importantes de socialização e de processos educacionais, tornando-se protagonistas na mediação das relações. Com base na Teoria da Escola de Frankfurt, o objetivo, neste texto, é refletir sobre as redes sociais digitais e o processo de adoecimento do indivíduo, considerando os nexos e contradições desse processo.

As redes sociais digitais emergem em meados dos anos 2000, com o discurso de ampliar as relações e agilizar o acesso a informações, contudo observa-se que também determinam modos de ser e viver. Há, portanto, contradições, tanto no uso quanto nas relações sociais estabelecidas nesse ambiente. Na aparência, são espaços com relações horizontalizadas e democráticas, mas são expressão de grandes conglomerados que lucram e reforçam a desigualdade de classes. Embora possibilitem certa liberdade de expressão, permitem também expressões de ódio, violência e barbárie. Essa realidade mantém a ideologia da sociedade do capital, atingindo todas as instâncias da vida. Administra e controla os indivíduos, mantendo-os na contramão da emancipação, distante do esclarecimento (MORAES, 2020). De modo que aquilo que parece trazer esclarecimento se torna mito.

No debate entre mito e esclarecimento, Adorno e Horkheimer (1985) consideram que todo o processo de esclarecimento seria fruto de um pavor primordial experimentado pelos seres humanos no início de sua existência. O esclarecimento que, aparentemente, teria substituído o mito, na verdade, possui a mesma origem do mito. Para os autores, existe uma certa continuidade da forma mítica de intervenção, que se apoia em uma racionalidade que se

acredita inesgotável. Aprisionadas pelo mito, tanto a ciência como a técnica refletem o desencanto das esperanças de que o iluminismo instauraria o poder do homem sobre elas, libertando-o do medo. Instaurado como necessário e objetivo, o esclarecimento converte o pensamento em coisa.

O trabalho, enquanto característica ontológica da humanidade de apropriação da natureza para satisfazer suas necessidades e forma com que o ser humano objetiva sua subjetividade e converte tanto o objeto como a si mesmo em objetos de conhecimento, produzindo cultura, na sociedade capitalista, se converte em alienação. O trabalho, na sociedade capitalista, é vendido como força de trabalho, em troca de salário. Isso desqualifica sua característica ontológica, e impõe uma ambivalência, vive-se para trabalhar ou trabalha-se para viver. Se o indivíduo não se reconhece enquanto parte integrante no processo de produção de mercadorias e, se apropria da mercadoria, torna-se também uma mercadoria, que pode facilmente ser manipulada. (RESENDE, 2009).

Para Adorno (1996), a formação é um processo de apropriação subjetiva da cultura, da realidade, da produção humana, de cultura. No entanto, na sociedade burguesa a cultura é convertida em mercadoria. O indivíduo não se apropria subjetivamente da cultura, mas sim, de mercadorias. Desse modo, a dominação não se limita a aspectos legais e burocráticos, se manifesta na cultura. A cultura produzida nos moldes industriais realiza a semiformação, que não significa meia formação, mas expressa uma crise na formação, uma crise na cultura. Dissociada das coisas humanas, a cultura reveste-se de um valor, torna-se absoluta e converte-se em semiformação, produz sujeitos adaptados aos estereótipos, passivos e conformados a realidade (ADORNO, 1996).

Com a digitalização dos meios de comunicação, há uma expansão da “oferta direta via satélite de programas pelos próprios produtores” (DUARTE, 2008, p. 100). A indústria cultural estende seus tentáculos ao tempo livre, ao entretenimento e ao ócio. Ampliada, a racionalidade da produção capitalista reflete uma falsa condição de liberdade, mas “o tempo livre é acorrentado ao seu oposto” (ADORNO, 1995a, p.70), mesmo que as pessoas não tenham consciência disso. A indústria cultural produz necessidades e desejos que na aparência são próprios do indivíduo, mas são inseridos no ato da produção dos bens culturais. Esses desejos produzidos não se realizam, são reprimidos. Não realizado o desejo de satisfação e não sublimado esse desejo instintual ou objetal, aumenta-se as exigências do ego, o que pode reprimir ainda mais o indivíduo.

A "sublimação", corresponde ao processo psíquico pelo qual as pulsões sexuais ("parciais") perdem sua meta sexual imediata e se satisfazem em objetos não diretamente sexuais (FREUD, 2010). A vida em sociedade só é possível com "sublimação", a partir do adiamento da satisfação pulsional. Para Marcuse (1973), as realizações da humanidade possibilitadas pela "sublimação", como a arte, a literatura, a religião, a ciência, a filosofia e a música, representam uma recusa em aceitar a realidade injusta. O processo de "sublimação" das pulsões, necessário para o convívio em sociedade, se desenvolve com a resolução do

complexo de Édipo, através do qual se impõe a adaptação do sujeito ao "princípio de realidade", assim como o abandono do "princípio de prazer" e das possibilidades de satisfação pulsional. Na medida em que a "sublimação" se apresenta como uma imposição da sociedade, ela preserva a consciência da repressão e, portanto, a revolta das pulsões contra o "princípio de realidade". Já a "dessublimação" elimina toda consciência dos antagonismos e dos conflitos, enfraquece a revolta das pulsões e a rebelião por um novo "princípio de realidade". Na sociedade capitalista, os conflitos insolúveis se tornam controláveis. O conflito entre o desejo de satisfação pulsional e a sua realização, entre o indivíduo e a sociedade, é obscurecido a partir de uma dominação mais intensa e repressiva, uma vez que a própria sociedade controla os desejos (as necessidades) e o objeto desses desejos (as mercadorias) (MARCUSE, 1973).

No processo de "dessublimação", a satisfação mediata, a partir da qual se abriria a possibilidade da tomada de consciência da experiência da repressão, é substituída por satisfação imediata, que obscurece essa consciência. Esse imediatismo é incentivado pela indústria cultural, que produz bens de consumo em larga escala, para satisfazer às necessidades de indivíduos que ela mesma produziu. Essa condição dominante, administrada e alienante resulta em anulação do indivíduo, em sofrimento, adoecimento e barbárie.

As determinações da sociedade capitalista geram sofrimento, que ao não elaborado provoca um adoecimento brutal, fruto da realidade real, turva e opaca, mas que é também falsa, pois oculta suas contradições. O adoecimento social reflete as condições da vida material baseada na racionalidade administrada. O avanço tecnológico e digital permite certa democratização e participação social, já que todos podem expor suas opiniões em seus perfis de redes sociais digitais, no entanto amplia também as possibilidades de controle, dominação e adoecimento.

Estamos cada vez mais sob controle e domínio da racionalidade totalitária. As redes sociais digitais pertencem à grandes corporações do setor tecnológico que, apoiadas nos algoritmos, conseguem ter acesso a todas as páginas que o usuário visita na internet. Com isso, as empresas conseguem reproduzir propagandas nas páginas visitadas nos perfis das redes sociais digitais do próprio usuário (SILVEIRA, 2018). Facilita a reprodução de necessidades retroativas por produtos da indústria cultural, amplia a conformação social e alimenta o consumo.

A indústria cultural com a internet, por meio de algoritmos, codifica e organiza pensamentos, promove, semiformação e reificação em larga escala, com isso, a expropriação de esquemas também é massificada, dificultando a percepção (ADORNO, 2015). Na enxurrada de informações que chegam estão inclusos imagens, vídeos e textos que banalizam a violência e seguem a lógica do espetáculo, em que se estimula a passividade e a naturalização (ZANOLLA, 2010). Ao proporcionar novas possibilidades de interação criam-se também novas condições de isolamento porque para interagir virtualmente necessita apenas ter um aparelho eletrônico.

Como alternativa para superar essa condição dominante e adoecida, Adorno (1995b), indica a necessidade de manter a relação tensa entre sujeito e objeto, pois a sua dicotomia é ideológica. Além disso, apresenta uma alternativa ao propor um segundo giro copernicano kantiano. Para além da necessidade de se voltar para o sujeito, para compreender sua realidade, volta-se para o sujeito com o objetivo de compreender sua subjetividade, sua análise sócio-histórico-social.

Para Adorno (2020), a educação não é necessariamente um fator de emancipação. Justamente quando educação, ciência e tecnologia são incentivadas globalmente, e se constituem como passaportes para um mundo "moderno", conforme os ideais de humanização, considerar que não garantem um sujeito emancipado, soa como um melancólico desânimo e reforça a perspectiva "pessimista", equivocadamente interpretada, da teoria adorniana. Mas, a educação ainda se mostra como possibilidade de resistência ao processo de anulação do indivíduo na sociedade capitalista, "para uma autorreflexão crítica" (ADORNO, 1995c).

Por hora, concluímos que a relação entre o adoecimento e a racionalidade administrada é condição humana histórico-social, e as redes sociais digitais, na mediação das relações sociais, para além de ampliar as relações e agilizar o acesso às informações, contribuem para a semiformação e o processo de adoecimento. E, a Educação, mesmo com todas as suas contradições, ainda é uma possibilidade de seguir na contramão da racionalidade administrada.

Palavras-Chave: Indústria cultural. Socialização. Redes Sociais Digitais. Adoecimento.

Referências

ADORNO, T. W. **Teoria da semicultura**. Revista Educação e Sociedade, n. 56, ano XVII, p. 388-411, dez. 1996.

_____. Tempo livre. In: ADORNO, T. W. **Palavras e sinais; modelos críticos 2**. Trad. de Maria H. R. Petrópolis. RJ: Vozes, 1995a. p. 70-82.

_____. Sobre sujeito e objeto. In: ADORNO, T. W. **Palavras e sinais; modelos críticos 2**. Trad. de Maria H. R. Petrópolis. RJ: Vozes, 1995b. p. 104-123

_____. Educação após Aushiwitz. In: ADORNO, T. W. **Palavras e sinais; modelos críticos 2**. Trad. de Maria H. R. Petrópolis. RJ: Vozes, 1995c. p. 104-123.

_____. Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista. In: ADORNO, T. W. **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. Tradução: Verlaine Freitas. 1ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

_____. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

- ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- DUARTE, R. Indústria cultural hoje. In: DURÃO, Fábio Akcelrud; ZUIN, Antônio; VAZ, Alexandre Fernandez. (Orgs.). **A indústria cultural hoje**. São Paulo: Boitempo, 2008.
- FREUD, S. **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos** (1914-1916) / Sigmund Freud; tradução e notas Paulo César de Souza — São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- MARCUSE, H. **A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional**. Tradução de Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 4 ed. 1973.
- MORAES, J. S. **O canto das redes sociais digitais e os professores universitários: onde mora o perigo?** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.
- RESENDE, A. C. A. **Para a crítica da subjetividade reificada**. Goiânia: Editora UFG, 2009.
- SILVEIRA, S.A. A noção de modulação e os sistemas algorítmicos. In: SOUZA, Joyce; AVELINO, Rodolfo; SILVEIRA, Sérgio Amadeu. (Orgs.). **A sociedade do controle: manipulação e modulação nas redes digitais**. São Paulo: Hedra, 2018.
- Zanolla, S. R. S. Educação e barbárie: aspectos culturais da violência na perspectiva da teoria crítica da sociedade. *Sociedade E Cultura*, 13(1), 2010, 117–123. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/sec.v13i1.11182>. Acesso em 23/06/2022.